

## **EM DIREÇÃO DE UM NATURALISMO POSSÍVEL EM NIETZSCHE À UM NATURALISMO ARTÍSTICO.**

Icaro Sandre Xavier dos Santos (IC) e Angela Zamora Cilento (Orientador)

**Apoio:**PIVIC Mackenzie

### **RESUMO**

Este trabalho se propõe a apresentar as concepções de Nietzsche sobre a moral e a arte no decorrer de sua obra e de sua a valoração feita pelo filósofo em detrimento da arte. Seu projeto filosófico, um dos primeiros a entender a natureza como instinto artístico criador de formas plurais, subverte o naturalismo cientificista de sua época proposto por Rée, Spencer e Darwin em direção a um naturalismo histórico-artístico: critica a moral como dissimulação e faz dos instintos artísticos saudáveis e sãos que devem dominar e promove uma hierarquização quanto aos instintos do conhecimento com a finalidade criar uma 'Gaia Ciência': um alegre conhecimento para a arte do viver.

**Palavras-chave:** Nietzsche, Naturalismo, genealogia

### **ABSTRACT**

This work proposes to present Nietzsche's conceptions about morals and art in the course of his work, and his valuation made by the philosopher in detriment of the art. His philosophical project, one of the first to understand nature as an artistic instinct, that creates plural forms, subverts the scientific naturalism of his time proposed by Rée, Spencer and Darwin, towards a historical-artistic naturalism: he criticizes morality as a dissimulation and affirms that the healthy artistic instinct must dominate and promotes a hierarchy to the instincts of knowledge, in order to create a "Joyful Science": a joyful knowledge for the art of living.

**Keywords:** Nietzsche, Naturalism, genealogy.

## 1. INTRODUÇÃO

*Para que apreenda o que a este mundo  
Liga em seu âmago profundo,  
Os germes veja e as vivas bases,  
E não remexa mais em frases  
Johann Wolfgang von Goethe<sup>1</sup>*

A filosofia de Nietzsche tem sido objeto de discussões polêmicas: tanto no diálogo estabelecido pelo pensador com a toda a tradição filosófica, quanto nas disputas suscitadas dentro do âmbito acadêmico pelos comentadores que se desafiam a dar uma ordem a esse trabalho tão extenso, prolixo e antagônico<sup>2</sup>. E diante destas polêmicas, encontramos uma chave de leitura - a linha tênue que separa e reúne o âmbito da natureza e o da moral. Objetivamos mostrar que desde *O Nascimento da Tragédia* até *Crepúsculo dos Ídolos* as análises sobre a moral e a arte estão ligadas pelo conceito de Vida, ou para melhor compreendermos sistematicamente seu pensamento, o âmbito da arte e da moral têm uma relação intrínseca e recíproca ao que ele denomina de vontade de potência que nos leva em última instância, a um conceito amplo de natureza.

Nosso trabalho se encaminha no sentido de compreendermos em primeiro lugar, o conceito de vida enquanto vontade de potência como algo que se dá no âmbito da natureza – de todo o ser vivo, o que não exclui o homem e o equaliza com todo o resto. Em seguida, nos aproximaremos do conceito de natureza e de toda a tradição considerada naturalista, bem como da crítica de Nietzsche aos posicionamentos de Darwin à aproximação da tradição neo-lamarckista.

Por fim, estabeleceremos as relações entre a sua teoria estética com o método genealógico, que visa investigar os conceitos de moral e de civilização. Conforme veremos ao longo de nosso trabalho, Nietzsche assume uma perspectiva ‘transformista’: ao elucidar as passagens referentes as relações entre a natureza e a moral, esta enquanto dissimulação apenas conserva a vida, enquanto que os instintos artísticos saudáveis e sãos, aliados à hierarquização dos instintos do conhecimento alcançam uma ‘Gaia Ciência’: um alegre conhecimento para a arte do viver. Este processo é o resultado da confluência entre a tradição neo-lamarckista, o movimento *Tempestade e Ímpeto* (*Sturm und Drang*), e os moralistas

---

<sup>1</sup> GOETHE, J.W. *Fausto, uma tragédia - Primeira Parte*. São Paulo: Editora 34, 2013, p.61

<sup>2</sup>“O uso afirmativo do conceito antagonismo [...] seria, talvez, apenas um modo de expressão inapropriado, pelo qual o filósofo não deveria ser repreendido. Sua doutrina do *continuum*, do acontecer sem cessar, enquanto o efetivamente verdadeiro, deixaria ainda espaço para a contraposição fáctica em geral?” MULLER-LAUTER, Wolfgang, São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p.48.

franceses como Montaigne e Stendhal, leitura esta influenciada pelas teorias cosmopolitas do amigo e professor Jacob Burckhardt.

O homem, animal múltiplo, mentiroso, artificial e impenetrável, inquietante para os outros animais, menos por sua força que por sua astúcia e sagacidade, o homem inventou a *boa consciência* para desfrutar finalmente de sua alma como de uma coisa simples. Toda moral é uma longa, uma audaciosa *falsificação*, graças à qual um desfrute, diante do *espetáculo* da alma, se torna possível. Desse ponto de vista, há sem dúvida mais coisas que se incluem no conceito de 'arte' do que geralmente se acredita. <sup>3</sup> (NIETZSCHE, 2005, p.176)

Desde de *O Nascimento da Tragédia* já encontramos uma filosofia que “ousa colocar, rebaixar a própria moral ao mundo da aparência e não apenas entre as “aparências” ou fenômenos [*Erscheinungen*] (na acepção do *terminus technicus* idealista), mas entre os “enganos”, como aparência, ilusão, erro interpretação, acomodamento, arte” (Ibidem, 2007, p.17)<sup>4</sup>. Ou seja, a partir daquilo que o pensador denomina de ‘ótica’ da vida, entende que a moral dentro do processo civilizatório não passa de uma ‘invenção’ (*Erfindung*), oriunda de sua grande capacidade artística que doaram sentido à existência do homem, assim como a religião. Todavia, esta mesma moral acabou por denegrir o valor da vida, hostilizando-a. Para o pensador alemão, a vida só pode ser apreciada como fenômeno estético “pois toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro.” (NIETZSCHE, 2007, p.17)<sup>5</sup>.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

### 1. Um conceito amplo de Natureza – Vontade de Potência

A filosofia nietzschiana se situa no ápice da crise da filosofia alemã em face do avanço das ciências naturais da segunda metade do século XIX, e o uso recorrente de metáforas e justificações fisiológicas que são do campo da biologia de sua época estão espalhadas e refletidas em todo o seu corpus publicado e póstumo.

Para Charles Andler em seu extenso trabalho sobre o filósofo alemão “Nietzsche é um homem de seu tempo na medida que foi conquistado, como todos os seus contemporâneos, pela imensa esperança nascida do transformismo” (ANDLER. 1922, p. 19)<sup>6</sup>. Neste sentido, é necessário tratar Nietzsche como um homem de seu tempo, influenciado pela ciência em

<sup>3</sup> Seguimos neste trabalho, a convenção proposta pela Edição de Colli\Montinari das obras completas do filósofo, adotando as siglas em português abreviadas das obras, para referência. NIETZSCHE, F. JGB, §291

<sup>4</sup> NIETZSCHE, F. GdT, Prefácio §5.

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. GdT, Prefácio §5.

<sup>6</sup> As traduções das duas últimas obras de Andler, *Nietzsche et le Transformisme Intellectualiste* (O Transformismo Intelectualista de Nietzsche) de 1922, e *La Dernière Philosophie de Nietzsche* (A Derradeira Filosofia de Nietzsche) de 1931, são de nossa autoria. Texto original “*Nietzsche est un homme de son temps en ce qu'il fut gagné, comme tous ses contemporains, par l'immense espérance née du transformisme*”.

expansão do século 19, especialmente a biologia, que ainda estava em sérias discussões epistemológicas sobre o efeito da então publicação dos escritos de Darwin<sup>7</sup>. Então, no século XIX, muitos acreditavam que ao entender os princípios da vida, a Física, em junção à Química e a Biologia, iria transformar a própria natureza humana e sua relação com o mundo. É destes problemas que se derivam várias correntes que podem ser denominadas naturalistas, intelectualistas e personalistas, criando um cenário epistemológico então tratado como transformismo.

Mas se engana aquele que pensa que Nietzsche poderia ser colocado ao lado de todos os seus contemporâneos: o próprio autor em muitos textos se coloca como *extemporâneo*: aquele que fala o que seu tempo não quer ouvir. Pois sua concepção de natureza como *vontade de potência* - fala fundamental de *Zaratustra* - nos indica uma concepção idiossincrática do então transformismo proposto pelos seus contemporâneos, mas que ainda se encontra em chave transformista. E isto o diferencia de todos aqueles que extraem algo das ciências naturais para poderem filosofar. Andler, ao final de seu trabalho de fôlego, biográfico e filosófico, conclui que “vemos ao mesmo tempo como Nietzsche resolveu o problema de unir as três grandes filosofias que disputavam o empírico: o naturalismo, o intelectualismo e o personalismo” (ANDLER, 1931, p.385)<sup>8</sup>.

“Minha tarefa: a desumanização da natureza e em seguida a naturalização do homem, depois de ele ter adquirido o puro conceito de ‘natureza.’<sup>9</sup>” (NIETZSCHE, 2007, p.144). Mas qual seria esse conceito puro de natureza? A fim de melhor entendermos essa passagem, é necessário chegar à “algum ponto além do bem e do mal, até o qual temos de subir, escalar, voar<sup>10</sup>” (NIETZSCHE, 2012, p. 256) para conseguirmos enxergar uma visão ampla do seu conceito de Vida, de Natureza e de suas bases.

Para iniciarmos essa vereda, uma das chaves de leitura mais adequada para nossa pesquisa é o conceito de “*a ótica da vida*”. Em *Zaratustra*, Nietzsche cria a alegoria que o então ermitão persa encontra meninas dançando ao redor de uma fogueira, e se junta a elas com seu canto. Em sua melodia, Zaratustra exalta a Vida como figura feminina transmutável e incompreensível:

Mas sou apenas inconstante e selvagem, e em tudo uma mulher, e não sou virtuosa: Embora eu seja chamada por vós, homens, ‘a profunda’,

---

<sup>7</sup> Darwin publica *A Origem das Espécies* em 1859, e *A Descendência do Homem* em 1871, sendo que Nietzsche publica sua primeira obra *O Nascimento da Tragédia* em 1872.

<sup>8</sup> Texto original: “On voit du même coup comment Nietzsche a résolu le problème d’unir les trois grandes philosophies qui se disputaient l’empire: le naturalisme, l’intellectualisme et le personnalisme.”

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. *Fragments Posthumes* [Été 1881- Été 1882]

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. FW. §380

ou ‘a fiel’, ‘a eterna’, ‘a misteriosa’. Mas vós nos presenteais sempre com as próprias virtudes – ah, virtuosos!<sup>11</sup> (NIETZSCHE, 2018, p. 104).

O conceito de ‘ótica da vida’ nos leva à ideia de que nem a Vida nem a natureza podem ser interpretadas em sua totalidade, pois na maioria das vezes nós apenas projetamos nossa imagem sobre ela, tal como Narciso<sup>12</sup> que se vê refletido em seu próprio reflexo - distantes de conseguirmos enxergar a vida em sua complexidade e abundância de perspectivas antagônicas e complementares, e principalmente perspectivas aonde as intercessões são múltiplas e diferenciadas.

É por isso que precisamente neste conceito de ótica da vida que encontramos o ápice do *perspectivismo* da filosofia nietzschiana, e que se torna sua ferramenta central contra a moralidade ocidental; porque ele entenderá toda moralidade como sintoma de decadência da vida, como expressão de uma ótica da vida que declina por querer transpor o caráter perspectivístico da própria vida. Desde a metafísica socrática-platônica<sup>13</sup>, passando pela crítica contundente à moral cristã<sup>14</sup> até chegar aos modernos cientificistas<sup>15</sup>.

Para o filósofo alemão é necessário aceitar a cisão trágica entre as experiências individualizadas, e que qualquer proposição que tente abarcar a totalidade da vida exemplifica não uma verdade, mas apenas uma perspectiva, um sintoma de vida, porque a vida “mesma valora através de nós”.

Seria preciso estar numa posição fora da vida e, por outro lado, conhecê-la como alguém, como muitos, como todos os que viveram, para poder sequer tocar no problema do valor da vida: razões bastantes para compreender que este é, para nós, um problema inacessível.<sup>16</sup> (NIETZSCHE, 2006, p. 36-37)

Com isso, Nietzsche está lutando contra a ideia de uma unicidade na natureza, exatamente para minar o conceito de uma natureza humana – como especula boa parte da tradição – porque a própria natureza é inventiva e é insaciável de criações. Por isso na alegoria de *Zaratustra*, a Vida, feminina, zomba do homem que pretende fazer dela um objeto inteligível, idêntica a si mesmo, imutável e não contraditória – como se ele próprio também não fosse tudo isso que nega em seu niilismo, em sua negação de dançar com a Vida e aceitá-la como ela é.

---

<sup>11</sup> NIETZSCHE, F. Z. Segunda parte, O canto da dança.

<sup>12</sup> Narciso, personagem mitológico amaldiçoado pelos deuses a amar apenas a si próprio, que tem o final trágico de se afogar apaixonado pelo próprio reflexo em um lago.

<sup>13</sup> NIETZSCHE, F. GD, §9, p.21.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. GD. Moral como Antinatureza, §4, p.36.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, F. GD. Os quatro grandes erros, §4, p.42

<sup>16</sup> NIETZSCHE, F. GD. Moral como Antinatureza, §5.

Afirmando então que a vida em sua natureza é mutável, contraditória e imensurável, Nietzsche antagoniza com toda a tradição da filosofia ocidental que parte, em última instância, das ideias metafísicas de Parmênides sobre o “Ser” que acredita numa essência imutável de todas as coisas. Nietzsche prefere a adoção de uma ótica heraclitiana: “Este mundo (*Kósmos*), o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas” (PRÉ-SOCRÁTICOS, 1996, p.90). A natureza então, na visão dos dois filósofos, não passa de uma eterna batalha de perspectivas, de forças interpretativas que se chocam e causam uma permanência constante.

Esse choque da vida para com a vida, que causa a tensão essencial que sustenta a pluralidade da natureza, tem como segunda característica intrínseca a luta. Sendo a vontade de potência uma multiplicidade, ela necessariamente produz choques, produz conflito porque é a deflagração de toda efetividade, tanto do mundo orgânico como do inorgânico. A vontade de potência só é enquanto tal como jogo de forças que produz a realidade.

Dessa forma, Nietzsche quer evocar o caráter agonístico da vida, nossa segunda chave de leitura para a compreensão de sua filosofia. Fazendo clara referência aos valores dos gregos arcaicos, em *A Disputa em Homero* que constitui um dos *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos*, Nietzsche afirma que não se pode separar a humanidade da natureza, porque somos natureza no seio da cultura<sup>17</sup> (NIETZSCHE, 2007, p.35). Neste texto, Nietzsche percorre desde o caráter tenebroso do ódio intrínseco ao humano presente desde os poemas cosmológicos de Hesíodo<sup>18</sup> até o crime de Aquiles ao profanar o corpo de Heitor<sup>19</sup> na *Ilíada*.

Ódio que se remete à ‘psicologia pré-homérica’ que tem como origem a resposta imediata que o homem, no despertar de sua consciência ínfima se encontrava no estado selvagem da natureza que sempre foi violenta, fazendo da teogonia pré-olímpica, ou seja, antes dos deuses que representam a perfeição humana, ser um mundo de criaturas primordiais inumanas que causavam horror; são os Titãs, A Noite, Caos.

Até chegarmos ao refinamento desse pano de fundo violento através do mito homérico e olímpico, e do embelezamento dos impulsos tenebrosos da natureza e da luta que constitui o mundo, por meio do caráter agonístico que se estabelece no seio da cultura grega

---

<sup>17</sup> NIETZSCHE, F. CV. *A disputa em Homero*.

<sup>18</sup> Hesíodo: poeta que viveu por volta dos séculos IX ou VIII a.C. Suas únicas obras conservadas são a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*.

<sup>19</sup> Conta a lenda que depois de Heitor ser derrotado por Aquiles, ele é arrastado diante os troianos e deixado à deriva para as aves e os cães, sendo necessário a interferência de Zeus, o todo-poderoso, para que Aquiles devolvesse o cadáver de Heitor à Príamo, para realizarem os rituais fúnebres.

encontrados em Homero<sup>20</sup>. A disputa (*Agon* em grego e *Weltkampf* em alemão), é uma positividade que move a vida. Para corroborarmos esta ideia vale lembrarmos a passagem de *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo que conta que existem duas Éris<sup>21</sup>, uma má e uma boa:

Ora, não houve apenas um nascimento de Lutas, mas sobre a terra existem duas. Quando alguém observa uma delas, considera louvável; a outra é digna de censura: elas têm ânimos diversos. Pois uma promove a guerra má e a disputa, é a cruel. Nenhum mortal a ama, mas por necessidade, pela vontade dos deuses, têm de honrar a Luta pesada. A outra, a primeira, gerou-a a Noite escura, e o filho de Crono, Zeus sentado em alto trono, habitante do éter, colocou-a nas raízes da terra; é bem melhor para os homens: ela leva ao trabalho mesmo a pessoa sem meios. Pois um homem sente falta de trabalho ao olhar para outro que, rico, apressa-se a arar, plantar e administrar bem sua casa, e um vizinho procura igualar o outro que se apressa em alcançar a fartura. Essa Luta é boa para os mortais. O oleiro irrita-se com o oleiro, o carpinteiro com o carpinteiro; o mendigo inveja ao mendigo, o poeta ao poeta. (HESÍODO, 2012, p. 61-63)

A partir deste momento, encontramos na tradição grega, a disputa de perspectivas, de oposição de valores, a inveja, o embate justo como forma de positividade e espírito a ser cultivado. Essa boa Éris causa a ambição necessária para a continuação da vida, “ela não os leva à luta de morte, mas à disputa [*Weltkampf*]. O Grego, invejoso percebe este traço não como defeito, mas a influência de uma divindade benéfica: ‘que abismo há entre o seu julgamento moral e o nosso!’.” (NIETZSCHE, 2007, p. 41). E este aspecto cosmológico erigido por Nietzsche faz com que o grego não aguente a glória e a vitória incondicional de um para com o outro, eles não suportavam a glória sem que a disputa pudesse perdurar. Afinal a concepção de vontade de potência implica na não existência de um *télos*: não há uma finalidade ou um objetivo na natureza a ser alcançado. A luta da vida é infindável e decorre de um excesso<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> A leitura que Nietzsche faz dos gregos diverge da leitura que sua época fazia. De Goethe à Hegel, temos a interpretação de que a cultura helênica era banhada de uma serenidade otimista, quando Nietzsche na verdade fala que a cultura helênica tem suas raízes em um pessimismo estético. “O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali, entre ele e a vida, a resplendente criação onírica dos deuses olímpicos[...] De que outra maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao sofrimento, suportar a existência, se esta, banhada de uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades?” NIETZSCHE, F. GdT, §3, 2007, p.34.

<sup>21</sup> Éris [Ἔρις]: personagem mitológico grego: deusa da noite e personificação da discórdia. Em nossa edição o tradutor optou em traduzir Ἔρις por Lutas.

<sup>22</sup> Nietzsche ao comentar os escritos de Heráclito, traz essas mesmas concepções gregas encontradas em Hesíodo sobre a boa Éris: “Todo o devir nasce do conflito dos contrários; as qualidades definidas que nos parecem duradouras só exprimem a superioridade momentânea um dos lutadores, mas que não põem termo à guerra; a luta persiste pela eternidade fora. Tudo acontece de acordo com esta luta, e é esta luta que manifesta a justiça eterna. É a ideia admirável, oriunda da mais pura fonte do gênio helênico, que considera a luta como acção contínua de uma justiça homogênea, severa, vinculada a leis eternas. Só um Grego era capaz de fazer desta representação o fundamento de uma cosmodiceia.” NIETZSCHE, F. PTZ, §5, 2009, p.40.

Essas características sobre a concepção de luta da vida em Nietzsche, irão esbarrar e nos servir para entender como seu posicionamento está estritamente ligado a discussão darwiniana da segunda metade do século XIX. Porque como o conceito de vontade de potência é cunhado para ser um *amplo conceito de natureza*, que abrange toda a efetividade do mundo imanente, o mundo biológico corresponde aos processos interpretativos da vontade de potência. A vida é processo de interpretação constante, luta constante entre as partes que formam o todo, conforme nos elucida Viviane Mosé:

A interpretação como uma atividade metafórica, uma sucessão infinita de transposições é o fundamento do mundo, um fundamento sem fundamento: trata-se de um fluxo incessante e móvel, eternamente criador e destruidor de si mesmo, sem princípio nem fim, sem sujeito. Em função desta ausência de ser, de fundamento, de identidade, forjar a forma na multiplicidade do devir é um ato de força, de violência, de domínio: é assim que a potência da vida se exerce. (MOSÉ, 2018, p. 88-89)

Dessa forma, a luta pela existência não tem o caráter de penúria, mas é uma luta por realização da efetividade e por transmutação de estados, tanto para novas formas de vida como para a destruição inevitável do declínio e da morte<sup>23</sup>. Como interpretação continua de si, a vida é inevitavelmente elaboração de si mesma, tanto em estados de superação como nos de *décadance*. Dessa forma, Nietzsche quebra a estrutura metafísica do pensamento, que pare ele se apresenta nas dicotomias de valor; Vida e Morte, Bem e Mal, Homem e Animal, Verdade e Mentira, Paraíso e Inferno, Cultura e Natureza. Se vontade de potência é a efetividade, orgânica e inorgânica, a vida não é a separação dos antagonismos, mas o imbricamento do todo com o todo.

A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie [...] Reconhecer a inverdade como condição de vida: isto significa, sem dúvida, enfrentar de maneira perigosa os habituais sentimentos de valor, e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal.<sup>24</sup> (NIETZSCHE, 2005, p.11)

Fazendo do conceito de antagonismo nossa terceira chave de leitura do conceito de vontade de potência, o fundamento da filosofia nietzschiana incide justamente na inversão das concepções de natureza que renunciavam a ideia de unicidade, para então instaurar a

---

<sup>23</sup> "E este segredo a própria vida me contou. "Vê", disse, "eu sou aquilo que sempre tem de superar a si mesmo. É certo que vós o chamais vontade de procriação ou impulso para a finalidade, para o mais alto, mais distante, mais múltiplo: mas tudo isso é apenas uma coisa e um segredo. Prefiro declinar a renunciar a essa única coisa; e, em verdade, aonde há declínio e queda de folhas, vê, a vida aí se sacrifica – pelo poder!" NIETZSCHE, F. Z., Segunda Parte, Da superação de si mesmo, 2018, p.110.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, F. JGB, Prefácio §4.

explicitação da vida como luta entre os opostos, o que sustenta a opulência de formas e estados na efetividade<sup>25</sup>. Por isso aqui, assim como Müller-Lauter, nos posicionamos contra uma leitura metafísica da filosofia nietzschiana, representada principalmente pelas leituras de Heidegger, aonde Nietzsche seria o último metafísico<sup>26</sup>. Ao contrário disso, nossa leitura é que a filosofia nietzschiana transpõe a metafísica e atinge o conflituoso problema do real, questionando como os falsos problemas metafísicos, principalmente a moralidade, inocularam seus valores de decadência – que também são vontade de potência, mas vontade de potência declinante – no mundo da vida e no caráter transigente da humanidade.

Dessa forma, vontade de potência é a efetividade inabarcável do mundo da vida, jamais situada em um plano transcendente ou idealista; vontade de potência é a imanência de todo acontecimento e da própria humanidade enquanto natureza, jamais um conceito operacional para o entendimento consciente de uma essência da vida ou do Ser. A intelecção brota de cada forma de vida (*Lebensformen*), toda intelecção só acontece de forma perspectivica e sempre alienada em relação à sua origem (*Ünsprung*), que é exatamente o erro, o limite, a criação, a arte. Isso é vontade de potência em seu sentido latente como vontade de vida.

São justamente estas 3 chaves de leitura: a de superabundância da natureza, o caráter agonístico da vida e os antagonismos como fundamentais para a realização da efetividade que nos ajudarão a explicitar o próximo tópico de nossas investigações, pois com estes 3 questionamentos Nietzsche se põe em diálogo com toda a tradição dita naturalista do século XIX para então fazer sua crítica. Para tanto, toma como objeto de seus estudos as ideias de Darwin, os neo-lamarckistas Rüttimeyer e Roux.

Posteriormente, estudaremos como esta discussão sobre a natureza adentra para o âmbito da moral: sobre as leituras de Darwin, Nietzsche critica principalmente Paul Rée e Herbert Spencer por meio do método genealógico e da adoção de uma posição mais próxima a dos moralistas franceses, como Montaigne e Stendhal, do que destes naturalistas cientificistas. Ora, isto implicará na ideia de que a filosofia nietzschiana configurou um arranjo singular para estas questões chegando aquilo que poderemos denominar de um naturalismo artístico.

---

<sup>25</sup> “Entretanto, à pergunta: o que produz e mantém em si coesas, assim como deixa desfazer-se, as organizações sem cessa cambiantes da vontade de potência? - a resposta derradeira é: são os antagonismos que possibilitam toda agregação assim como toda desagregação. [...] A vontade de potência necessita de antagonismo, que sem dúvida, só pode ser vontade de potência.” MÜLLER-LAUTER, W. op. cit., 2009, p.72-73.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, M. Nietzsche I. Paris: Gallimard, 2011, p. 347.

## 2. Como Nietzsche adentra a questão naturalista: os embates com Darwin e a adoção de perspectivas neo-lamarckistas.

Charles Andler nos mostra que o conceito de vontade de potência, além de ter origem básica nas leituras de Schopenhauer<sup>27</sup>, também mostram raízes na discussão contemporânea que Nietzsche trava com o pensamento naturalista de sua época. Sua amizade com o psicólogo francês Paul Rée, nascida em Sorrento de 1876, talvez tenha sido um dos primeiros contatos que o filósofo alemão teve com o conhecimento das teses de Darwin, e desde então Nietzsche sempre se mostrou em diálogo direto com a biologia de seu tempo e a filosofia naturalista que a acompanhou desde seu nascimento, estendendo seus estudos aos naturalistas neo-lamarckistas Ludwig Rüttimeyer e Wilhelm Roux para fundamentar suas teses sobre a vontade de potência.

Para entendermos a posição de Nietzsche nesse grande tabuleiro e colocar em xeque que tipo de naturalista Nietzsche é, iremos seguir o seguinte método: primeiramente explicitar os dois fundamentais pontos de atrito entre Nietzsche e Darwin<sup>28</sup>, a crítica do conceito de *luta pela existência*, e em seguida a crítica do conceito de *seleção natural*; em segundo plano veremos a ligação entre o pensamento darwinista e a filosofia nietzschiana dada através da filosofia moral de Rée e Spencer; e para finalizarmos, o ultimo capítulo trará a crítica radical da moral, que Nietzsche expressa em sua genealogia, explicitando a influência dos moralistas franceses, principalmente de Stendhal, abrindo caminho para mostrar que “desse ponto de vista, há sem dúvidas mais coisas que se incluem no conceito de ‘arte’ do que geralmente se acredita” (NIETZSCHE, 2005, p. 176)<sup>29</sup>.

Para começarmos, precisamos entender como Nietzsche irá se opor criticamente à maior corrente científica de sua época, os nascentes darwinismos junto com o espírito entusiasta impulsionado por esses avanços na ciência. Sabemos que a leitura que Nietzsche faz de Darwin é muito influenciada pela leitura de terceiros, como Friedrich Albert Lange, Oscar Schmidt, Carl Naegeli, Carl Ludwig Rüttimeyer e Ernst Haeckel. Diante esse quadro de leituras e influências, pode surgir a ingênuo questionamento se Nietzsche seria um darwinista ou não. Mas como nos mostra bem Wilson Frezzatti Jr., podemos deslocar esse questionamento, aonde não encontraríamos fundamentação precisa e adequada, para dois questionamentos pontuais:

---

<sup>27</sup> ANDLER, C. *Nietzsche: vida e pensamento, volume I*. 2016, p.99.

<sup>28</sup> O trabalho aqui não tem como objetivo mergulhar nessa rica relação entre Nietzsche e Darwin. Para uma compreensão mais aprofundada ver *Nietzsche contra Darwin* de Wilson Junior Frezzatti, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

<sup>29</sup> NIETZSCHE, F. JGB, §291.

1. Qual é o significado da crítica nietzschiana à luta pela existência de Darwin?
2. Qual é o significado da crítica que Nietzsche faz à seleção natural, seja em relação ao desenvolvimento orgânico, seja em relação ao desenvolvimento da moral? (FREZZATTI JR, 2014, p.66)

Estes dois questionamentos nos servirão de base para pensar como Nietzsche adentra a discussão naturalista de sua época com sua crítica a moral e ao cientificismo. Dessa forma, queremos demonstrar que o discurso nietzschiano cria uma série de relações com a semântica naturalista, mas sempre se colocando como crítica, como questionamento radical às consequências da produção de verdade da biologia, não apenas a de seu tempo, mas de toda a trajetória da humanidade e de seus feitos como seres naturais.

Com isso, “através de sua crítica filológica, através de uma certa forma de biologismo” (FOUCAULT, 2016, p.472) podemos dizer que Nietzsche inaugura o pensamento biopolítico que irá se desdobrar apenas em nossa contemporaneidade com Michel Foucault, Giorgio Agambem, Roberto Espósito e Byung-Chul Han. Para entender essa biopolítica, comecemos com os questionamentos à Darwin.

1) *A crítica ao conceito de luta pela existência*: A teoria de luta pela existência em Darwin, como mostra Frezzatti Jr, é focada na noção de sobrevivência<sup>30</sup>; os indivíduos que perpetuarem no meio gerarão descendentes e por isso vencerão a luta pela existência, quem não sobrevive à competição acaba extinto. Dessa forma Darwin vê no caráter de luta pela existência algo de cruel e maldoso, que é fomentado pela falta de recursos da natureza<sup>31</sup> e que causa a deflagração entre as espécies. A luta então é um caráter de exceção do objetivo principal da vida, que para o naturalista inglês seria a conservação. Nietzsche se opõe claramente à toda tradição que enxerga na luta da existência algo de negativo, e coloca Darwin aos lados dos cristãos e dos liberais, que representam uma humanização da natureza que deve ser superada.

Como vimos no conceito de vontade de potência, a luta é um aspecto central para a realização da efetividade, e por isso deve ser aceita, e até mesmo incentivada, porque é somente a luta que sustenta a vida em sua autossuperação constante. Dessa forma, a interpretação que Nietzsche faz do conceito de conservação é que este representa um sintoma de vida que declina, que atrofia e que nega as próprias bases da vida, e por isso degenera. Nietzsche se apoia na observação dos criadores de gado, aonde animais bem

---

<sup>30</sup> FREZZATTI JR. 2014, p. 70.

<sup>31</sup> Darwin retira suas conclusões ao ler o trabalho de Thomas Malthus, aonde a luta pela existência se dá pela progressão geométrica dos indivíduos em relação à progressão aritmética dos alimentos, causando um confronto pelos meios de subsistência do meio.

alimentados e protegidos, as variações apresentam um grau maior de processos degenerativos e monstruosos. Darwin também observa esse fato, mas diferentemente de Nietzsche, não afirma que a ação humana causaria variações diferentes daquelas já encontradas na natureza. Sendo assim, para o filósofo alemão, conservação é sinônimo de decadência, e é um fenômeno ampliado e cultivado pela experiência humana e suas moralidades.

Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação. [...] O fato de nossas modernas ciências naturais terem de tal modo se enredado no dogma spinozano (por último, e de forma mais grosseira, o darwinismo, com a doutrina incompreensivelmente unilateral da “luta pela existência” -) deve-se, é provável, à precedência da maioria dos investigadores da natureza: [...] Todo o darwinismo inglês exala como que o ar sufocante do excesso populacional inglês, o odor de miséria e aperto da arraia-miúda.<sup>32</sup> (NIETZSCHE, 2012, p.217)

Nietzsche então afirma que a conservação acaba virando lei natural por Darwin e os darwinismos, levando a cabo os valores de conservação criados por toda a tradição, naturalizado e justificando pela ciência, pela filosofia política e pela religião um sintoma de decadência. O que nos leva a pensar sobre “o elevado direito ao futuro”<sup>33</sup> (NIETZSCHE, 2008, p.16) da humanidade, que encontrará sua problemática no próximo ponto de confronto entre Nietzsche e Darwin.

2) *A seleção natural versus a superação da vida*: Em consequência do conceito de luta pela existência, Darwin deriva disto a noção de seleção natural, que se concentra em 3 elementos: preservação ou rejeição das espécies, as variações dos seres vivos e a qualificação favorável ou desfavorável dessas variações<sup>34</sup>. Ou seja, a seleção natural diz respeito a luta pela existência, luta pelos recursos escassos e que sempre se inclina para a conservação. Com isso Darwin fecha o cerco para situações externas como clima e a alimentação como fatos determinante da seleção natural, apenas atuando sobre o sistema reprodutivo<sup>35</sup>. Desta forma a seleção natural é um princípio de conservação.

Nietzsche, como já vimos, despreza as concepções de conservação em detrimento do seu conceito de vontade de potência, e levante 3 pontos fundamentais contra a ideia de seleção natural: 1) o homem como ser natural não está em progresso; 2) o homem não

---

<sup>32</sup> NIETZSCHE, F. FW, §349.

<sup>33</sup> NIETZSCHE, F. EH, Prefácio §2.

<sup>34</sup> FREZZATTI JR. op. cit., 2014, p.96.

<sup>35</sup> Ibidem, p.99.

apresenta progresso em relação ao mundo animal; e o mais importante ponto aqui destacado 3) a cultura humana, que é entendida como domesticação (*Domestikation*) por Nietzsche, não é um processo de seleção vantajosa, um melhoramento, mas “para mim, “melhorado” significa – o mesmo que “domesticado”, “enfraquecido”, “desencorajado”, “refinado”, “embrandecido”, “emasculado” (ou seja, quase o mesmo que *lesado*...)”<sup>36</sup> (NIETZSCHE, 2009, p. 122). Então, o problema da seleção natural para Nietzsche se encontra fundamentalmente na radicalidade que o filósofo alemão interpreta os elementos de Darwin a partir de uma ótica da cultura. A seleção natural seria algo que favorece os fracos, os subversivos, aqueles que não tem força para superar as dificuldades do embate da efetividade, fazendo do “espírito” algo de necessário, uma “segunda natureza” para substituir o natural da vida.

Não se pode confundir Malthus com a natureza. [...] As espécies não crescem na perfeição: os fracos sempre tornam a dominar os fortes – pois são em maior número, são também mais inteligentes... Darwin esqueceu o espírito (– isto é inglês!), os fracos têm mais espírito... É preciso ter necessidade de espírito para adquirir espírito – ele é perdido, quando não mais se necessita dele. [...] Entendo por espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação, o grande autodomínio e tudo o que seja mimicry [mimetismo] (esse último compreende boa parte do que se chama virtude).<sup>37</sup> (NIETZSCHE, 2006, p, 71-72)

Aqui percebemos a ligação que Nietzsche estabelece entre o mundo orgânico com a cultura. Frezzati Jr. chega a estabelecer que Nietzsche além de quebrar as velhas dicotomias como Bem/Mal, Aparência/Essência, Verdade/Falsidade, Alma/Corpo, acrescenta que nosso filósofo também martela e quebra a distinção entre Cultura/Biologia<sup>38</sup>. O comentador nos adverte que se engana aquele que acredita que com isso o filósofo alemão esteja criando uma perspectiva determinista da cultura sob à ótica das ciências naturais, movimento típico de seu tempo. Para Frezzati Jr, Nietzsche não quer levar água aos moinhos dos pessimistas, porque ele não se agarra apenas ao que foi feito ao homem, mas afirma com isso todo o potencial transformativo que a natureza humana mostrou ao longa da história e de suas práticas morais, de seus diferentes cultivos e de seus diferentes valores.

Nietzsche, desta forma, *não é um naturalista cientificista*, afinal sua crítica à ciência é clara, seu posicionamento contra Darwin, Spencer e Rée aponta que as concepções de vida e do processo evolutivo da moral diferem em alto grau. Esses autores ingleses e o psicólogo francês veem a vida como estado de conservação, como estado estável, passível então de ser conhecida e explicada pelas ciências da natureza, e estando no âmbito da razão científica,

<sup>36</sup> NIETZSCHE, F. GdM, Terceira Dissertação, §21.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, F. GD, Incursões de um Extemporâneo, §14.

<sup>38</sup> FREZZATTI JR. op. cit., 2014, p.14.

os valores morais, de conservação, seriam de fácil assimilação à natureza humana<sup>39</sup>; já nosso filósofo entende a vida como processo inacabado e em constante evolução no presente, como constante interpretação, sendo assim, coloca a tarefa das ciências naturais apenas como secundária ou complementar à tarefa maior de criar novos valores, novas interpretações e estilos de vida e como aparato crítico ao próprio moralismo científico, usando da natureza para desmentir as concepções últimas que determinam essa natureza.

Por isso, o conceito mais amplo de naturalismo sempre deve ser aplicado a Nietzsche<sup>40</sup>, e nunca o termo tomado pela tradição e pelo senso comum de seus contemporâneos. O naturalismo de Nietzsche é processual e ainda está em jogo, sendo o projeto genealógico não uma pesquisa para indicar nossas determinações ou desenhar nosso destino, mas sim nos oferecer uma ferramentaria para a ação no presente, para a explicitação da baixa origem de tudo o que é considerado bom até então<sup>41</sup>, para a mudança e para a virada de jogo contra os valores morais, conservados e secularizados, em suas transformações filológicas e fenomênicas.

### **3. Moral, arte e vida como sinônimos: o naturalismo artístico de Nietzsche.**

É a partir dessa contraposição entre moral e arte que Nietzsche irá propor uma estilística da existência, uma construção de si que negue a moralidade dos costumes niilistas e faça do homem uma obra de arte, artista de seu próprio caráter e forma de vida. Partindo desta proposta, aqui Nietzsche continua a pensar com sua forma histórico-naturalista, que rejeita todo plano metafísico e avalia a arte como processo totalmente mundano e até mesmo manifestação de estados fisiológicos da mesma forma que a moral. Desde O Nascimento da Tragédia até Zarathustra há um fio condutor que segue sua análise da arte como processo puramente imanente, processo esse próprio da natureza, da vida como vontade de potência, e que só depois encontra no homem seu florescimento, sua válvula de escape, tanto na própria arte, como na tragédia grega, até nos edifícios conceituais moralistas-cientificistas – lembrando que para nosso autor a própria ideia de verdade tem seu fundamento na ilusão.

“A vida só se justifica como fenômeno estético”<sup>42</sup> (NIETZSCHE, 2007, p.16) afirma o filósofo em sua primeira obra, em que sabemos de sua aproximação com Schopenhauer e

<sup>39</sup> Ao fazer sua análise sobre a moral, Rée afirma que com Kant se percebe o fim das fundamentações transcendentais dos valores morais, mas que naquela época, isso não bastava para haver uma nova fundamentação, acusando o próprio Kant de ainda ver “na consciência moral algo de transcendente” e mais a frente continua “Mas agora, a partir dos escritos de Lamarck e Darwin, os fenômenos morais podem ser reduzidos a causas naturais como os físicos: o homem moral não está mais próximo do mundo inteligível que o homem físico” *A Origem dos Sentimentos Morais*, São Paulo, Editora Unifesp, 2018, p. 44. E sobre Herbert Spencer ver *De L'Education*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1914, p. 223.

<sup>40</sup> JANAWAY, C. *Beyond Selflessness*, Oxford: Oxford University Press, 2007 p. 34.

<sup>41</sup> NIETZSCHE, F. GdM, Segunda Dissertação, §3.

<sup>42</sup> NIETZSCHE, F. GdT, Prefácio §5.

Kant e todo o aparato metafísico moderno, mas também onde claramente já percebemos seu diferencial, sua “nuança”. A sua “metafísica de artista” é claramente o ápice de suas nuances, fazendo dela a primeira metafísica a virar o barco em favor da “aparência”, e não da divinação dada historicamente à “essência”, já que a aparência é a *necessidade* que a “vontade” – tomada aqui no sentido schopenhaueriano, como âmago do mundo – tem para se redimir, para exercer sua força, seus excessos e dispêndio, para se sentir realizada. Com diz J. Guinsburg, em seu comentário como tradutor de *O Nascimento da Tragédia*

Trata-se efetivamente de reimplantar uma unidade mítica refeita em que o homem ressurgiria como obra de arte da vida. É o processo de superação de um logocentrismo dogmático do princípio da razão que, sob o sopro do *daimon* socrático e cientificista, exilou o ser humano no fenomenal, desligando-o de sua relação com o seu outro ser, o das profundezas de sua natureza. É claro que em *O nascimento da tragédia* o que ainda está em tela, sob esse ângulo, é a própria essência metafísica e schopenhaueriana da vontade. Mas, já aí, também, se tem em núcleo a des-sagração dessa essência, a sua re-humanização na dramaticidade trágica da existência (NIETZSCHE, 2007, p.154)

Essa visão se encontra claramente na tentativa de autocrítica escrita em 1886 para *O nascimento da tragédia* nas primeiras páginas da obra. É ali que encontramos o ponto principal da diferenciação da moral à arte, como duas perspectivas de vida completamente diferentes, quase antagonistas. Ali, a ciência e o espírito socrático se encontram e se coadunam, já que “seguindo o fio da causalidade, podemos curar a ferida da existência”, ou seja, a moral e ciência se igualam em seus objetivos normativos e de domínio. E então Nietzsche defende que foi o primeiro a tomar essas questões como problemáticas, como questionáveis diante de sua época, onde o progresso e o otimismo eram o imperativo moral das interpretações. E só é possível encarar esse problema sobre a perspectiva que se tem da arte a partir da vida, “pois o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência” e afirma que seu objetivo é “ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...”<sup>43</sup> (NIETZSCHE, 2007, p.13) e em duas sessões a frente desse texto continua a contrapor os instintos artísticos com a moral, tanto em suas elaborações como em suas origens fisiológicas

De onde então deveria se originar-se a tragédia? Porventura do prazer, da força, da saúde transbordante, de uma plenitude demasiado grande? E que significado tem então, fisiologicamente falando, aquela loucura de aonde brotou a arte trágica assim como a cômica, a loucura dionisíaca? Como? A loucura não será por acaso sintoma de degeneração, do declínio, de uma cultura bastante tardia? Há porventura – uma pergunta para alienistas – neuroses da sanidade? ...”

<sup>43</sup> NIETZSCHE, F. GdT, Prefácio §2.

Poderia porventura, a despeito de todas as “ideias modernas” e preconceitos do gosto democrático, a vitória do otimismo, a racionalidade predominante desde então, o utilitarismo prático e teórico, tal como a própria democracia, de que são contemporâneos – ser um sintoma de força declinante, de velhice abeirante, de fadiga? E precisamente não – o pessimismo? [...] acrescentando ainda sua questão mais difícil! O que significa, vista sob a óptica da vida – a moral?<sup>44</sup> (NIETZSCHE, 2007, p. 15-16)

Olhando através de sua ótica da vida e da genealogia, o pensamento que surge é a indagação do problema moral como o maior problema de todos, porque ele se relaciona a nossa forma de existir, com os valores que determinam as possibilidades do viver, que atravessam e atuam sobre a vida como fenômeno estético. Esse problema é apontado já em seus escritos de juventude ao denunciar a morte da tragédia grega por Eurípides e por seu grande espectador, Sócrates, que mata e retira a música da representação artística do coro dionisíaco e introduzem o *logos*, a logicização do discurso em prol da fórmula de que só é belo aquilo que é descritível, conhecível. O “*conhece-te a ti mesmo*” socrático antropologiza a questão central da obra de arte, que antes se mostrava no âmago da natureza e na dissolução da noção de si no Uno-Primordial, na totalidade, mas que agora coloca o próprio homem como questão, os próprios problemas mesquinhos e morais em foco. Para Nietzsche, o correto é exatamente o oposto: a vida, caoticidade e devir, indecifrável e imprevisível pode ser intuída pela arte. De modo especial, pela arte trágica. A arte, neste sentido, hierarquicamente se coloca acima da moral que pretende julgar a vida pelo fato de ela ser o que é. Lemos em O Nascimento da tragédia:

Contra a moral, portanto, voltou-se então, com esse livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contra-valorização da vida, puramente artística, anticristã [...] com o nome de um deus grego: eu a chamei de dionisíaca.<sup>45</sup> (NIETZSCHE, 2007, p.18)

Dionísio é o deus do vinho e da embriaguez (*Rausch*), conceito central nos últimos escritos do filósofo para fazer a distinção dos valores artísticos considerados em relação à vida e à uma certa fisiologia. Até aqui se percebe como todo o fundo da filosofia nietzschiana se baseia em suas concepções naturalistas – aqui tomada em sentido amplo, e não cientificista – da forma de vida que brota e que atua em sua volta, dos valores que ela cria. É da fisiologia que se analisa tanto o problema da moral, como reação negativa e cristalizada da vida, como necessidade psicológica de conservação e de duração, e a arte como forma de intoxicação, êxtase, vontade de superação do estado corporal e espiritual, superação e

---

<sup>44</sup> NIETZSCHE, F. GdT, Prefácio §4.

<sup>45</sup> NIETZSCHE, F. GdT, Prefácio §6.

explosão de capacidade simbólica. A embriaguez do desejo de viver, de um excesso de vida transbordante que quer se realizar como divinação da aparência e da imanência, como cristalização não de valores, mas de perfeições, como cristalização da vontade abundante que quer se libertar de suas amarras, de seus imperativos “desinteressados”

Neste estado, o nosso preenchimento faz que tudo aumente: o que vemos, o que queremos, vemo-lo inchado, repleto, forte, sobrecarregado de força. O ser humano que se encontra nesse estado transforma as coisas, até que o seu poder se acha espelhado nelas, - até que elas se tornam reflexos de sua perfeição. Este ter de transformar em perfeito é – a arte. Mesmo tudo aquilo que o ser humano não é se torna, apesar disso, um prazer que ele tem consigo mesmo; na arte, o ser humano desfruta de si mesmo como perfeição<sup>46</sup> (NIETZSCHE, 2006, p.68)

Como podemos perceber no parágrafo acima e no decorrer do texto, Nietzsche nos avisa para não usufruirmos da arte apenas como “tapa buraco” da infelicidade e do tédio, coisa típica do niilista, que fica esmiuçando miseravelmente as obras de arte para lhe retirar algum remédio, alguma gota de sentido que lhes falta<sup>47</sup>. É contra esse movimento típico do romantismo alemão – que diviniza o “gênio” criativo, que é àquele que recebe a permissão da criatividade, que detém a liberdade de criar uma nova forma de vida, um novo valor do belo, do bem e da verdade – que nosso autor se contrapõe e nos convida a tomar o lugar do gênio, nos convida a nos arriscar a ver a própria vida como obra de arte em processo, em palco, como amago do mundo, e com essa visão “dar estilo ao caráter” é necessário<sup>48</sup>. (NIETZSCHE, 2012, 173)

Então a arte, nesse sentido, usada para o fortalecimento do caráter, como intensificadora da existência ao modo sthandaliano, é entendida como contraposição da moral, através de sua argumentação que se baseia num naturalismo específico de sua obra em relação aos estados de “físico-psicologia” destas duas esferas. Sendo assim podemos apontar que Nietzsche além de quebrar as dicotomias aqui já citadas como Bem/Mal, Aparência/Essência, Verdade/Falsidade, Alma/Corpo, Biologia/Cultura, também abre novas possibilidades de análise e crítica da moral – principalmente na *Genealogia* – quando quebra a distinção entre Moral/Arte, tendo como base sua metodologia histórica para apontar esses fenômenos teatrais que a humanidade encena para si mesma para a sustentação de seus valores, de seus instintos de vida. Desta forma, Nietzsche vai para além do naturalismo histórico e cria para si uma filosofia em torno de uma noção naturalista histórico-artística, que

---

<sup>46</sup> NIETZSCHE, F. GD, *Incursões de um Extemporâneo*, §9.

<sup>47</sup> “ É preferível viver sem as artes, não ter necessidade dessa ou daquela, transformar-se continuamente a si mesmo, a fazer dela uso, por horas ou instantes, para afugentar o mal-estar e o tédio.” DIAS, Rosa. *Nietzsche, a vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 111.

<sup>48</sup> NIETZSCHE, F. FW, §290.

tem como concepção de vida a própria vontade de potência como vontade criadora, com seu fundo trágico, como um contra movimento e uma inversão de perspectiva às análises naturalistas sobre a moral em sua época como Rée, Spencer e Darwin, mas que não abandona o tom do naturalismo, por valorizar a natureza e o mundo imanente como palco da vontade de potência.

Para concluirmos, quero adicionar mais uma reflexão sobre a obra Nietzsche, reflexão essa que ganha amplitude ao ser vista através do prisma do conceito cunhado por essa pesquisa. O conceito do Eterno Retorno do Mesmo ganha outro peso ao ser analisado dentro desta concepção de uma filosofia histórica-artística com fundamentos naturalistas por se tratar da síntese da vida com os instintos artísticos, com os instintos afirmadores que partem da afirmação do corpo e daquele que intensifica a vida, que à eleva ao grau de obra de arte,

e não mais, como Buda ou Schopenhauer, no fascínio e delírio da moral – talvez esse alguém, sem que o quisesse realmente, tenha aberto os olhos para o ideal contrario: o ideal do homem mais exuberante, mais vivo e mais afirmador do mundo, que não só aprendeu a se resignar e suportar tudo o que existiu e é, mas deseja tê-lo novamente, *tal como existiu e é*, por toda a eternidade, gritando incessantemente “*da capo*” [do início], não apenas para si mesmo, mas para a peça e o espetáculo inteiro, e não apenas para um espetáculo, mas no fundo para aquele que necessita justamente desse espetáculo – e o faz necessário: porque sempre necessita outra vez de si mesmo – e se faz necessário – Como? E isto não seria *circulus vitiosus deus* [deus como círculo vicioso]?<sup>49</sup> (NIETZSCHE, 2005, p.54)

Sendo assim, a doutrina do Eterno Retorno se mostra como teoria central da obra nietzschiana para atacar o maior problema de todos - a moral vista como movimento contra a natureza, hostil à vida e as suas formas de ser, uma atitude de *décadence*, que leva o homem ao “Nada”, ao niilismo, e a uma vida sem alegria, sem cor e sem sentido. Como antídoto, a arte nos vêm para espiritualizar (*Vergeistigung*), sublimar (*Sublimieren*) e refinar (*Verfeinerung*) esses instintos em dissolução, vem para fortalecer e intensificar no homem - em face à fragilidade e aos miasmas de uma má educação dos instintos levaram ao declínio e a seu aspecto moderno – a vontade de viver. É necessário então uma apologia à arte, é imprescindível uma divinação de tudo que é horrendo na existência através da interpretação e da representação artística, como forma de filtrar, reinterpretar as coisas da vida de forma afirmativa, de acordo com seu vir-à-ser, e reintroduzi-las na mundidade, na inevitabilidade de suas existências diversas e distintas na dramaticidade da existência, na preponderância própria natureza, no movimento contraditório e exuberante da tensão entre os instintos

---

<sup>49</sup> NIETZSCHE, F. JGB, §56.

apolíneos e o princípio da individuação e os instintos dionisíacos e seus princípios de dissolução.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo este percurso que exigiu de nós a apropriação das chaves de leitura necessárias para devida exposição e articulação das ideias centrais deste texto que fundamentalmente nos coloca a par da possibilidade de pensarmos na filosofia nietzschiana à luz do naturalismo para um naturalismo artístico, sem a pretensão de termos esgotado neste espaço todas as articulações que poderiam ter sido efetuadas.

Na primeira parte encaramos o conceito de vontade de vontade de potência em três aspectos fundamentais: a de superabundância da natureza, o caráter agonístico da vida e os antagonismos como fundamentais para a realização da efetividade. Mostrando que vontade de potência é um conceito amplo de natureza.

Já na segunda parte nos debruçamos sobre as relações entre Nietzsche e Darwin junto aos naturalistas de sua época, Paul Rée e Herbet Spencer. Ali demos ênfase em dois atravessamentos entre Nietzsche e Darwin: a crítica em relação ao conceito de luta pela existência e a troca de uma ideia de seleção natural por uma ideia de superação. Nietzsche então seria um naturalista, mas um naturalista idiossincrático, com especificidades à serem levadas em conta.

E na última parte vimos como essa relação com os naturalistas de seu tempo fazem da crítica de Nietzsche uma filosofia que mistura uma semântica biológica com uma semântica artística, esquadrinhando então a imagem de uma filosofia naturalista-artística em nosso trabalho.

### 4. REFERÊNCIAS

ANDLER, Charles. **Nietzsche: vida e pensamento, volume I**. Rio de Janeiro: Contraponto : Editora PUC-RIO, 2016

\_\_\_\_\_. **Nietzsche et le transformisme intellectualiste**. Paris: Éditions Bossard, 1922.

\_\_\_\_\_. **La Dernière Philosophie de Nietzsche**. Paris: Gallimard, 1933.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, a vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. **Nietzsche contra Darwin**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOETHE, J.W. **Fausto: uma tragédia – Primeira Parte**. São Paulo: Editora 34, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I**. Paris: Gallimard, 2011.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Curitiba: Segesta, 2012.

JANAWAY, Christopher. **Beyond Selflessness: Reading Nietzsche's Genealogy**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MOSE, Viviane. **Nietzsche e a Grande Política da Linguagem**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos Antagonismos e os Antagonismo de sua Filosofia**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos**. Lisboa: Edições 70, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RÉE, Paul. **A Origem dos Sentimentos Morais**. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

**Contatos:** icarosandre@outlook.com e angela.rezende@mackenzie.br